

O vocábulo “coração” na Bíblia

Pesquisador: Lucas Merlo Nascimento

Orientador: Silas Molochenco

Faculdade Teológica Batista de São Paulo (SP)

Departamento de Graduação em Teologia

Graduando em Teologia

Eixo Temático: Interpretação Bíblica

Categoria: Pôster

RESUMO

Este artigo traz ao lume as conotações do vocábulo “coração” dentro do *corpus* bíblico, assim como colocá-lo em paralelo com o entendimento da cultura popular brasileira. Partimos da problematização a partir de uma Hermenêutica segundo a Teoria Psicanalítica (MOLOCHENCO, 2007), demonstrando como a compreensão popular brasileira do vocábulo tem em si uma redução semântica, podendo influenciar na interpretação bíblica. A partir daí, passamos pelos significados bíblicos do vocábulo, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, utilizando clássicos da teologia (vide Referências Bibliográficas). Concluimos apontando a grandiosidade semântica do vocábulo “coração” na Bíblia comparado ao entendimento popular brasileiro, ressaltando os aspectos racionais e volitivos deste. Apontamos o entendimento hebraico no vocábulo, subjacente também no Novo Testamento, além de uma visão holista do ser humano, a partir da gama de significados de “coração”.

Palavras-chave: coração, razão, vontade.

INTRODUÇÃO

Essa análise acerca do vocábulo “coração” e seus desdobramentos bíblicos parte de pesquisas realizadas por alunos da matéria Formação Ministerial I, ministrada no primeiro semestre de 2007, pelo prof. Dr. Silas Molochenco, pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Quando dizemos que a análise parte dessas pesquisas, não queremos dizer que essas são o fundamento único da análise, mas que foram o material inicial com o que trabalhar-se-á a questão.

A intenção nesse artigo é clarificar o uso do vocábulo “coração” na Bíblia. O exercício só será válido se for reconhecida a dificuldade de entendimento e/ou a(s) distância(s) que o leitor contemporâneo se encontra do texto bíblico. Nosso intento é favorecer o entendimento. Certamente não

o faremos de forma exaustiva, porém estabeleceremos caminhos que facilitarão a compreensão dos textos bíblicos.

Não entenda o leitor que vamos aqui definir “coração”. Nenhum vocábulo dentro de um *corpus* literário tão vasto quanto é a Bíblia, escrita por diversas personalidades, em diversos estilos e ao longo de um grande período, pode receber uma definição clara. Apenas estabeleceremos algumas diretrizes que certamente facilitarão a busca pelo entendimento contextual do vocábulo.

Além da pesquisa realizada pelos alunos da matéria citados acima, a problematização do entendimento do vocábulo “coração” se dará a partir de um entendimento da Hermenêutica segundo a Teoria Psicanalítica. Tal entendimento nos conduzirá aos motivos para estudarmos o vocábulo bíblicamente. Partindo da Hermenêutica citada, que nos permitirá problematizar a questão, percorreremos o caminho dos dois Testamentos a fim de obtermos as diretrizes para o entendimento do vocábulo. Apresentamos a seguir o que diz a Hermenêutica Bíblica segundo a Teoria Psicanalítica.

Uma Questão Hermenêutica

A questão que se impõe para o entendimento do vocábulo proposto é Hermenêutica. Se a intenção é clarificar, isso se dá por conta de um obscurecimento. Segundo uma Hermenêutica Psicanalítica¹, cada signo (no caso, “coração”) evoca um determinado significante presente na simbolização da mente do agente interpretativo. “Este significante evoca níveis de simbolização provenientes da vivência daquele que ouve” (MOLOCHENCO, 2007, p.17) ou lê determinado signo. O significante, por conseguinte, liga-se a outros signos com novos significantes, todos arraigados à experiência pessoal do ouvinte ou leitor. Dessa forma, ao lermos “coração” na Bíblia, esse signo evoca um significante que evoca outros signos e significantes simbolizados na mente do leitor ao longo da experiência de vida desse em sua relação com o signo presente. Reconhecemos que há um nível muito pessoal na simbolização de cada signo. Exemplificando com o vocábulo “casa”, Molochenco (2007, p.16) explica que “quando se diz ‘casa’, cada sujeito terá uma determinada idéia que é construída por ele através de suas vivências. Dificilmente dois sujeitos terão a mesma simbolização de ‘casa’”. Porém, em algum nível menos pessoal há um conceito geral, presente ao menos na comunidade² mais próxima ao redor do agente interpretativo que forma parte de sua

¹ Adotamos o termo “Hermenêutica Psicanalítica” a fim de reduzir o termo mais definido “Hermenêutica Bíblica segundo a Teoria Psicanalítica”

² Comunidade aqui se refere ao grupo social ao qual pertence o agente, reunindo todos os grupos que o compõe: bairro, família, cidade, país, amigos, igreja, cultura etc.

simbolização de determinado vocábulo. Isso porque, se a simbolização parte das experiências do agente, e sua comunidade faz parte dessas experiências, então existe, em certo nível, uma correspondência entre a simbolização pessoal e a idéia coletiva¹. Assim, quando vemos “coração” na Bíblia, o significante é relativo a nossa simbolização do vocábulo. Parte dessa simbolização vem de nossa cultura popular acerca de coração. Aqui encontra-se o problema que queremos abordar.

Não é preciso alta inteligência para notar a estreita conexão que o pensamento popular brasileiro² tem acerca do vocábulo “coração” com as idéias principalmente de sentimentos, e desses, mais estritamente amor e paixão. Basta ouvirmos algumas músicas de nossa cultura para notarmos. Por exemplo, a cantora brasileira Ivete Sangalo gravou uma música denominada “No ritmo do Coração” que começa assim: “Dance no ritmo do coração,

Sinta a sensação de gostar de alguém”, em que, “dançar” no ritmo do coração é relacionado a sentir que se gosta de alguém. Jota Quest, banda de outro estilo, gravou a música “A Voz do Coração” que diz “O amor bateu na minha porta outra vez. Não vá deixar passar, falou a voz do coração. Esqueça tudo o que você passou de uma vez. Não tenha medo e se entregue a essa paixão”. Em que o coração induz a entregar-se à paixão. Wanessa Camargo, outra cantora dos meios populares brasileiros canta na música “Como Dizer ao Coração”: “Como é que eu vou dizer pro coração que você vai me deixar. E agora, o que é que eu faço com a paixão que eu guardei só pra te dar”, vemos a estrita relação entre coração e paixão. A dupla sertaneja Chitãozinho e Xororó fala ao coração na música “Explode coração”: “Coração... você vive sempre apaixonado... você só me causa sofrimento”. Terminamos com a letra completa da música “Agüenta Coração” dessa mesma dupla:

Ai coração que chora de dor. Ai coração que morre de amor. Ai coração (apai)xonado demais. O meu viver é triste. Porque em mim só existe dor. Fico na esperança de ter de volta meu grande amor. Que um dia partiu e deixou vazio meu coração. E hoje está morrendo sentindo a dor da separação. Pulei num mar de rosas como eu vivia com esse bem. O que eu estou passando eu não desejo para ninguém. Amor desesperado. Peito magoado de solidão. A dor do amor é triste por isso chora meu coração. A dor do amor é triste por isso aguenta meu coração.

¹ Daí a força do Pensamento Popular.

² Como aqui citaremos músicas, distinguimos o pensamento popular presente nas músicas com o estilo de música denominado “MPB – musica popular Brasileiras”. As músicas citadas não necessariamente são desses estilo, mais são populares por terem ampla aceitação.

Vemos nessas letras a clara relação popular entre coração e os sentimentos românticos. Reconhecemos que esse não é o único sentido usado para o vocábulo, mas é o sentido predominante, em seu uso figurado¹.

Além das letras dessas músicas usadas como exemplos, notamos que o desenho do coração simbolizando um romance. É comum vermos nomes de dois adolescentes escritos dentro do desenho de um coração, denotando afetos amorosos entre ambos. Vemos ainda no comércio inúmeros objetos fabricados com o formato de coração e vendidos predominantemente com denotação de amor, como aquelas almofadas de coração que abastecem as vitrines no 12 de junho². Nota-se ainda um afastamento da relação entre “coração” e racionalidade. Como exemplo temos a letra de Raul Seixas que canta em “Coração noturno”: “...Coração que bate 4 por 4. Sem lógica, sem lógica e sem nenhuma razão (...) Eu e o coração. Companheiros de absurdos no noturno...”.

Assim, em nossa simbolização da idéia de “coração”, está muito forte, em níveis coletivos³ a conexão com sentimentos, às vezes um tanto quanto exagerados e irracionais, como paixões arrebatadoras.

Eis então nosso problema. Diante da cultura brasileira contemporânea e da cultura bíblica, será o entendimento de “coração” o mesmo tanto no primeiro como era no segundo? Quando lemos “coração” na Bíblia, estamos ampliando seu sentido de acordo com nossa experiência ou reduzindo? De acordo com a Hermenêutica Psicanalítica “O leitor percebe os níveis da fala e vai além da linguagem expressa pelo autor” (MOLOCHENCO, 2007, p.17). Porém, tratando especificamente de “coração”, parece não haver expansão da idéia, mas uma redução semântica, já que a experiência popular aborda apenas uma parcela pequena do significado bíblico de “coração”. Então passamos a apresentar outras conotações de “coração” presente na Bíblia, a fim de que essas outras conotações, após serem notadas, possam passar a fazer parte da experiência do agente interpretativo e este poderá ter uma idéia mais vasta do vocábulo (simbolização), colaborando para uma interpretação bíblica sadia.

O Vocábulo “Coração”

Começemos com a Bíblia Hebraica, mais conhecida no meio evangélico como Antigo Testamento. Existem, em hebraico, duas palavras

¹ Descartando o sentido literal, como órgão físico.

² Dia em que se comemora o Dia dos Namorados

³ Pois a vivência pessoal pode reformular ou modificar essa vivencia coletiva. Mas não nos é possível tratar da vivência pessoal.

usadas para “coração”, לֵב e לֵבָב (^o*b* e ^o*b^ab¹*). O primeiro (*lb*) é usado nos escritos mais antigos, enquanto *lbb* só aparece na Bíblia Hebraica a partir de Isaias (COENEN, 2000, p.425). Essas duas formas, em conjunto, aparecem na Bíblia Hebraica (incluindo o aramaico de Daniel) 858 vezes ao todo. Dessas, 814 vezes o vocábulo refere-se ao coração humano. As outras referem-se a animais, a Deus, ou como a “coração do mar, das árvores, do céu. (cf. WOLFF, 2007 p.79,80 e SMITH, 2001, p.258). Portanto, o uso antropológico de *lb*, *lbb* é predominante. Diante da freqüente ocorrência do termo, esse adquire “grande relevância para a antropologia bíblica”, daí o receio de que “a tradução comum de לֵבָב/לֵב por ‘coração’ desencaminhe a compreensão atual” (WOLFF, 2007, p.80).

Ao pesquisar o uso que a Bíblia Hebraica faz dos termos, nota-se uma gama grande de sentidos para *lb*, *lbb*. Wolff (2007, p.80) afirma a necessidade de “um exame semasiológico² a partir de cada texto em particular”. Tanto em Harris (1998, p.1071ss), Crabtree (1960, p.127ss), Smith (2001, p.258ss), Wolff (2007, p.85ss) e Coenen (2000, p.424ss) vemos que o uso dos termos é variado e tem nuances diferentes, dependendo do contexto. Passamos a apresentar, de forma sumarizada, os possíveis sentidos de *lb*, *lbb* na Bíblia Hebraica³.

Apesar de não ser a conotação mais forte, a sentido físico está presente na BH⁴. O pensamento hebraico conhecia o *lb*, *lbb* como órgão físico, “mas não sua função essencial de fazer circular sangue” (SMITH, 2001, p. 258), com quem concorda Wolff (2007, p. 80) “O Antigo Testamento não mostra que conhece uma conexão entre o pulso e o coração”. Como órgão físico, era conhecido por sua posição no corpo: estava dentro do corpo (1Sm25.37), possuía uma envoltura (Os13.8), estava entre os braços (2Rs9.24), o peitoral de Arão ia sobre o coração (Ex28.29). O bater do coração parece aparecer, conquanto haja dúvidas (Jr4.19, 23.9; Sl38.10 – quanto às dúvidas, cf. WOLFF, 2007, p.82. SMITH, 2001, p.258,259). A questão da interioridade e inacessibilidade do *lb*, *lbb* é estendida às figuras não antropológicas como “coração do mar” (Jn2.4; Pv30.18), “coração do céu” (Dt4.11) e “coração da árvore” (2Sm18.14).

Porém, é de concordância entre os materiais aqui pesquisados que não é o sentido físico o mais importante na BH. Ressalta-se as “qualidades ou poderes psíquicos” (SMITH, 2001, p.259), “natureza interior” ou “funções tradicionais da personalidade” (HARRIS, 1999, p.765) ou “atividades de

¹ Por questão de facilidade apresentaremos לֵב e לֵבָב (^o*b* e ^o*b^ab¹*) daqui para frente como *lb* e *lbb*.

² Referente ao estudo dos sinais e símbolos e aquilo que eles representam. (Aurélio)

³ Por questão de espaço não citaremos todos os textos bíblicos, e dos citados apresentaremos apenas as referências. Para listas de textos mais completas conferir as obras usadas, principalmente WOLFF, 2007 e SMITH, 2001.

⁴ Bíblia Hebraica, a partir daqui.

natureza intelectual-psíquica” (WOLFF, 2007, p.85), e é a essas que nos reportamos agora.

Seguindo a idéia de “coração” como aquilo que está no interior, em contraste com o exterior do humano, chamaremos as funções de “coração” de “funções interiores” como sinônimo das expressões correlatas dos autores citadas acima. A análise mais ampla, na qual nos baseamos é a de Wolff (2007, p.85ss), na qual nos baseamos e passamos a apresentar.

A idéia de *lb*, *lbb* como “sentimentos, estado de ânimo” ou “camadas irracionais do ser humano” (WOLFF, 2007, p.85) é presente. O *lb*, *lbb* se aflige (Sl 25.17), ou é libertado (alarga, cf. Sl 119.32) e alegre e bem disposto (Pv 15.15, 17.22; ISm 2.1; Zc 10.7). Pode ser sereno (Pv 14.30) ou pode ficar indignado (Pv 23.17). Estados de ânimo como coragem e medo são expressos com diversas figuras referidas ao *lb*, *lbb*. (cf. WOLFF, 2007. p.87). Além dessas, a dor se expressa no “coração” (Jr. 4.19). No campo semântico de *lb*, *lbb* como “sentimentos” destacamos sua relação com o כְּלִיּוֹת (*k^elayot-* rim), que também representam a sede dos sentimentos (COENEN, 2000. p.435), enfraquecendo uma relação muito estreita de *lb*, *lbb* com sentimentos.

O *lb*, *lbb* como “interior” tem estreita relação com נֶפֶשׁ (*nephesh*), podendo ser, por vezes, termos intercambiáveis (cf. Dt 6.5). Nesse sentido, a *lb*, *lbb* é atribuído o “desejo ou aspiração” (Sl 21.2; Pv 6.25). Nele está o desejo mais íntimo do ser humano, mesmo quando o exterior (olhos) parece desejar outra coisa (cf. Jó 31.7). Nesse íntimo o *lb*, *lbb* pode tornar-se soberbo, orgulhoso (Is 9.8; Jr 49.16). Além de נֶפֶשׁ, algumas vezes *lb*, *lbb* é intercambiável de רוּחַ (*ruah*) e suas funções interiores (cf. WOLFF, 2007, p.88, 89 e SMITH, 2001, p.259).

As funções interiores representadas por *lb*, *lbb* de ligação semântica mais forte são aquelas que se referem às funções da razão e vontade. Sobre isso, comenta Smith (2001, p.259) que significado singular de “coração” está na “expressão dos processos intelectuais e volitivos¹”. Por isso aparece frequentemente na literatura sapiencial (Pv: 99 vezes; Ecl: 42 vezes) além de aparecer 51 vezes em Dt, de conteúdo doutrinal (cf. WOLFF, 2007. p.89 e SMITH, 2001, p. 259). Relacionando-se predominantemente com as funções racionais e volitivas. Assim, a *lb*, *lbb* são atribuídos o aprendizado (Pv 15.14; Sl 90.12; Is 42.25), a memória e consciência (Pv 7.3; Jr 17.1; Dn 7.28; ISm 24.6; IISm 24.10), pensamentos (Ex 14.5; Os 7.2; ISm 27.1; Gn 17.17; Pv 28.16), o discernimento (Pv 23.31ss; , entendimento (Jó 12.3, 34.10). De forma sintética, Wolff (2007, p.95, 96) resume as funções racionais como: “faculdade cognosciva, a

¹ Entenda-se as funções volitivas não como “vontade” sinônimo de “desejo”, mas como “capacidade de decisão”, “exercício da vontade”.

razão, a compreensão, o entendimento, a consciência, a memória, o saber, a reflexão, o julgamento, a reflexão e o juízo”. A relação entre funções racionais e volitivas dá-se pela relação entre conhecer, entender e daí escolher, e ainda entre aprender e obedecer. Assim, no que se refere à volição, no *lb*, *lbb* se planeja e intenta (Pv 16.9; Ex 36.2, IISm 7.3), decide (IICr 12.14; IISm 7.27) e obedece (Pv 23.26).¹

Observando o vocábulo *lb*, *lbb* em toda sua extensão semântica, e percebendo suas diversas nuances, por último consideramos a idéia ligada ao vocábulo como “a pessoa toda”. Por vezes *lb*, *lbb* não significa uma função interior ou característica humana, mas o próprio ser humano, conforme Coenen (2000, p.425): “*leb*, no entanto, significa menos uma função isolada do que o ser humano com todos os seus impulsos – em resumo, a pessoa em sua totalidade” (SI 73.26; Jr 23.16). A partir da totalidade do humano, e sua relação com a racionalidade, Wolff (2007, p.102) pondera que “a Bíblia vê no coração do ser humano, antes de mais nada, o centro do ser humano que vive de modo cômico”.

Para efeitos de clareza, destacamos por fim que as aplicações que a Bíblia Hebraica faz de *lb*, *lbb* a Deus têm as mesmas conotações daquelas ligadas aos seres humanos, podendo significar vontade, plano, atenção, resolução (cf. WOLFF, 2007, p.102-107).

Observadas as nuances na língua hebraica do vocábulo, passemos ao estudo dos escritos neotestamentários, escritos em língua grega. Nessa língua, a palavra traduzida em português por “coração” é καρδια (*kardia*), de onde vem nossos termos “cardíaco”, “cardiopatia”, “taquicardia” etc. Apesar do uso específico no português apresentado nessas palavras como órgão físico, “ocorre com relativa raridade no sentido de órgão físico, a sede da vida natural (Lc 21.34; At 14.17; Tg 5.5)”.

Καρδια (*kardia*²), segundo Coenen (2000, p.426) “ocorre em 148 passagens no NT; em Paulo, 52 vezes; nos Sinóticos, 47; Atos, 17; Epístolas Gerais, 13; Hebreus, 10; João, 6 e Apocalipse, 3 vezes.”

O termo grego é correlato do Hebraico veterotestamentário, segundo Coenen (2000, p.426): “O emprego de *kardia* coincide com o modo veterotestamentário de entender o termo”. Comentando o uso paulino do termo, que formam a maior parte do uso de *k.*, Ladd (2003, p.643) concorda com Coenen: “O uso paulino é o mesmo da palavra hebraica *leb*”. Assim, não é necessária uma análise longa para compreendermos o uso neotestamentário do termo, já que já fizemos a análise veterotestamentária.

¹ Para um tratamento exaustivo de *lb*, *lbb* e suas funções racionais e volitivas, cf. WOLFF, 2007. p.89-102).

² A partir daqui representado por “k.”

Os estudiosos concordam que *k.* refere-se basicamente ao interior do ser humano. Coenen (2000, p.426) comenta: “denota mais frequentemente a sede da vida intelectual e espiritual, a vida interior, em contraste com as aparências externas (II Co 5.12; ITs 2.17)”, e ainda Ladd (2003, p.643): “designa a vida interior do homem a partir de vários pontos de vista. O coração ou aspecto interior do indivíduo é comparado àquilo que é exterior e visível”. Assim, *k.* é o “eu interior”, o “íntimo” em suas diversas nuances e funções. Conforme o uso veterotestamentário, Ladd resume as funções em “sede das emoções”, “atividade intelectual humana”, “sede da vontade”, “órgão do juízo ético” e “sede da experiência religiosa” (cf. LADD, 2003, p.644).

Ressalta-se que, no grego clássico o uso de *k.* como “sede das emoções e sentimentos, dos instintos e paixões” (COENEN, 2000, p.424) era comum, e alcançou uma gama maior de sentidos a partir de Homero. Sendo assim, contrasta-se o uso mais comum do grego clássico com o uso neotestamentário mais abrangente. Além disso, o grego também possui outra palavra para designar a sede das emoções, que é *σπλαγχνα* (*splagchna* – entranhas, afetos), refletindo o כְּלִיֹּת (*k'layot-* rim) veterotestamentário. Isso enfraquece uma relação constante de *k.* com emoções e sentimentos.

Colaborando com a conexão mais estrita de *k.* com o “interior racional”, em detrimento do “interior sentimental” do uso no grego clássico, Bultmann (2004, p.278) afirma que “assim como na LXX¹ לֵב é traduzido por καρδια (coração) e por νους (entendimento), assim Paulo usa καρδια em grande parte no mesmo sentido de νους, a saber, para designar o eu como volitivo, planejador, ambicioso”. Bultmann é seguido de Coenen (2000, p.426) que propõe que “um aspecto marcante do NT é a aproximação essencial de *kardia* ao conceito de *nous* ‘mente’ (...) o coração e a mente podem se empregar em paralelo (II Co 3.14-15) ou como sinônimos (Fp 4.7)”. A diferença entre ambos os termos é que *nous* expressa o momento de ciência, e *k.* o desígnio ou querer, a vontade, ou ainda a comoção por sentimentos (cf. BULTMANN, 2004, p.279).

Portanto, concordando com o uso veterotestamentário, *k.* apresenta-se como o “eu interior” do ser humano, com forte conotação racional e volitiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após constatarmos o entendimento popular brasileiro da relação de “coração” com “emoções”, “sentimentos”, e observarmos o uso bíblico mais

¹ Tradução do Antigo Testamento para a língua grega.

amplo do termo, vemos que o conceito popular brasileiro é semanticamente reduzido comparado ao bíblico. Portanto, é necessário que se entenda coração de forma mais ampla, a fim de que o entendimento bíblico não seja deficitário, segundo uma Hermenêutica Psicanalítica. Ressaltamos então as funções racionais e volitivas de “coração”, já que o conceito popular brasileiro já tem em si os aspectos emotivos.

Notamos que a ampla gama de conotações para “coração” vem de um entendimento hebraico do termo, que o utiliza de diversas maneiras para denotar o íntimo do ser humano e suas funções. Portanto, no Novo Testamento, como vimos, o termo deve ser entendido levando-se em conta seu “conteúdo hebraico”. Esse “conteúdo hebraico” do vocábulo permite-nos entender o ser humano de forma holística e não fragmentada, devido à pouca exatidão em definir as funções de “coração”.

Apesar de não esgotarmos, e tratarmos de forma resumida o assunto, esperamos ter contribuído a um melhor entendimento do vocábulo, a fim de que a interpretação bíblica seja sempre mais sábia ao coração (conforme o entendimento hebraico) do leitor.

Como citamos músicas da cultura popular brasileira, terminamos com a canção de um cantor e compositor cristão brasileiro, João Alexandre, que se aproxima mais do entendimento bíblico do vocábulo:

Onde nascem as fontes da vida e os loucos duvidam de Deus?
Onde negros se tornam os dias e os homens se acham mais seus?
Quem despeja na boca as palavras, transformando-se em pedra ou cristal?
Quem desenha na face a beleza, mas se torna o carrasco no golpe final?
Coração, entre o bem e o mal, que distância haverá?
Coração, um amigo, um bandido talvez, quem te conhecerá?
Onde o ódio encontra raízes e o amor se mistura à paixão?
Onde a vida nos traz cicatrizes e o desprezo se faz solidão?
Quem despeja nas veias a vida e na morte é o silêncio fatal?
Quem conhece a verdade da história, a cruel testemunha no lance final?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BULTMANN. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004.
- COENEN, Lothar. BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- CRABTREE, A. R. *Teologia Bíblica do Velho Testamento*. Rio de Janeiro: JUERP, 1960.
- HARRIS, R. Laird. Et al. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.
- LETRAS DE MÚSICAS. www.lettras.terra.com.br acessado em 23/07/2009.

- MOLOCHENCO, Silas. *Uma Leitura da Hermenêutica Bíblica Segundo a Teoria Psicanalítica*. Revista Psicoteologia. Ano XX, n. 40, p. 16,17. 2007.
- SMITH, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2007.
- BÍBLIA. *Nova Versão Internacional*. São Paulo: Vida, 2004.